

AVALIAÇÃO COMO EXPERIÊNCIA ÉTICA:
Reflexões sobre as vivências de uma professora-aluna
da Pedagogia à distância da UFRGS

Jessica Dreyer Trein, UFRGS
dreyerjessica@gmail.com

RESUMO: Neste artigo relato minha experiência com avaliação vivenciada no curso de Pedagogia a Distância da UFRGS e como a possibilidade de narrar meu próprio processo de construção do conhecimento através do blog Portfólio de Aprendizagens, provocou reflexões na aluna-professora que fui durante o período e em minha trajetória docente após o curso. Busco no conceito de experiência de Larrosa significar as modificações ocorridas em minha forma de pensar a avaliação, compreendendo-a como um exercício ético da prática docente e projetando tal experiência para o âmbito da avaliação na educação infantil. Neste sentido, proponho refletir sobre a construção dos pareceres descritivos das crianças como uma narrativa das aprendizagens do outro e que, como tal, deve constituir-se como um exercício de ética. Utilizo como ferramenta o conceito de leitura do passado de Walter Benjamin propondo a incapacidade do professor de capturar uma verdade sobre este passado avaliado e refletindo sobre a construção de um parecer descritivo das crianças de forma ética. Proponho não um modelo avaliativo, mas um convite à reflexão sobre a avaliação como experiência privilegiada quando o professor tem a oportunidade de colocar-se dos dois lados do processo.

Palavras chave: avaliação; ética; experiência; criança

EVALUATION AS AN ETHICS EXPERIENCE:
Reflections on the experiences of a Teacher in Formation in a Pedagogy Course at
UFRGS in distance modality

ABSTRACT: In this article I report my lived experience with assessment in the Distance Learning Pedagogy course of UFRGS and how the possibility of narrating my own knowledge construction process through the blog Portfólio of Learning, caused thoughts in the student-teacher that I was during the period and in my teaching trajectory after the course. I take the concept of experience from Larrosa by meaning the changes occurred in my way to think assessment, understanding it as an ethical exercise of teaching practice and projecting this experience to the assessment scope in early childhood education. In this sense I propose to think about the descriptive report of children as a narrative learning of another person and, as such, should become an ethical exercise. I use the concept of picture of the past from Walter Benjamin proposing the inability of the teacher to hold a truth about this past assessed and thinking about the writing of the descriptive report ethically. I do not propose an assessment model, but an invitation to think about assessment as a privileged experience when the teacher has the opportunity to take the both sides of the process.

Keywords: assessment; ethic; experience; child

Da experiência discente

Avaliação sempre foi um tema que rendeu muitas discussões. Sobram textos, livros, palestras e aulas a este respeito. Neste artigo falo em avaliação em duas instâncias – a da vivência como aluna do curso de Pedagogia a Distância da UFRGS, e a da escola, onde através da transposição da experiência como discente faço reflexões sobre uma avaliação ética das crianças.

Como aluna do curso de Pedagogia a Distância, experimentei a avaliação de uma forma diferente do que tudo que já havia vivenciado. Fui “submetida” a um certo tipo de avaliação sobre a qual muito já tinha lido, ouvido, pensado, mas jamais vivido. Muito se fala nos cursos superiores de que a avaliação de nossos alunos deve ser processual, deve se respeitar a caminhada da criança, olhá-la como um todo, oferecer-lhe estratégias para superar suas dificuldades e problematizar os argumentos já construídos para que ela possa desenvolver outras dúvidas e questionamentos. Muito se ensina nos cursos de Licenciatura sobre como avaliar mas, ao final do semestre, faz-se prova para verificar se o aluno-professor aprendeu o que o mestre ensinou. Penso que nesta caminhada como aluna do PEAD¹ o que mais me marcou foi ter a oportunidade de vivenciar o que me era ensinado em termos de avaliação.

Na impossibilidade de detalhar todo o processo avaliativo de um curso, detenho-me aqui a narrar minha trajetória com uma das ferramentas de avaliação vivenciadas - o blog/portfólio² -, e como tais vivências impulsionaram as minhas reflexões como aluna-professora.

O Blog Portfólio, de acordo com minhas palavras durante o curso:

[...] é uma ferramenta pedagógica que nos auxilia na construção de nossos conhecimentos, permitindo a utilização de uma metodologia diferenciada e diversificada de monitorização e avaliação do processo de ensino e aprendizagem. Ele pode ser descrito como uma coleção organizada e planejada dos trabalhos produzidos por nós, alunos do Curso Pead, ao longo de um determinado período de tempo, de forma a poder proporcionar uma visão alargada e detalhada das aprendizagens efetuadas, valorizando nossa reflexão sobre estas aprendizagens, bem como dos diferentes componentes do nosso desenvolvimento cognitivo, metacognitivo e também afetivo.

Podemos dizer também que ele reflete a identidade de cada aluno e de cada professor em cada contexto estudado, enquanto construtores do nosso conhecimento e desenvolvimento ao longo da vida, auxiliando-nos no aprofundamento dos conteúdos estudados e até mesmo em nosso auto-conhecimento.

Nele devemos ir registrando nossas dúvidas anteriores e nossas novas descobertas, devemos ir registrando tudo aquilo o que formos aprendendo em cada uma das disciplinas no decorrer de cada semestre para assim conseguirmos estruturar melhor todo o conhecimento adquirido ao longo dos estudos feitos em nosso curso.

O uso do Portfólio de Aprendizagem dá relevância e visibilidade ao processo formativo de aquisição, treino e desenvolvimento de competências. O seu caráter de registro longitudinal permite detectar dificuldades para se agir em tempo útil, ajudando-nos, como alunos, a melhorar.

Sintetizando:

O PORTFÓLIO DE APRENDIZAGEM deve ser constituído por anotações sobre o

desenvolvimento das aprendizagens sendo que estas anotações devem conter argumentos e evidências que caracterizem a aprendizagem. As evidências devem contemplar situações relacionadas tanto com as atividades das interdisciplinas quanto com atividades extracurriculares (trabalho, social, familiar, etc). O Blog Portfólio permite uma verdadeira avaliação contínua. (Blog Portfólio, 17/08/2009)³

A idéia de reunir em um blog pessoal e específico para este fim reflexões sobre as aprendizagens cotidianas do curso, narrando meu próprio processo de construção do conhecimento, mais do que uma forma de avaliação, foi um processo de autoconhecimento. A este respeito, já no início do curso fui me dando conta do quanto esta prática, tão incentivada no discurso das licenciaturas fica tão longe da realidade da maioria dos cursos:

[...] tenho aprendido sobre avaliação com as práticas do PEAD. Muitos são os textos acadêmicos que falam sobre a dicotomia que existe entre como se quer que os professores do ensino fundamental e médio avaliem seus alunos e como estes mesmos professores são avaliados em seus cursos de formação. Sobre a concepção de escola que temos a partir do que vivenciamos como estudantes e as transposições que fazemos para nossa vida profissional. A respeito disto o PEAD tem sido inovador: a avaliação não se dá a partir de provas, onde os resultados finais prevalecem (como na maioria dos cursos de graduação), mas ao longo do processo de ensino-aprendizagem (acompanhamento de atividades, conversas e retomadas, e uma reflexão sobre nossas próprias aprendizagens - com o portfólio). Durante o semestre recebemos comentários a respeito de nossos trabalhos, sobre o que pode ser aprimorado, ao invés das tão populares "notas" - e elas não fazem a menor falta. Com toda esta vivência como estudante fica mais fácil pensar uma avaliação coerente com nossos alunos. (Blog Portfólio, 09/12/2007)⁴

Ao retomar aqui os momentos em que, durante o curso, refleti sobre a avaliação, quero mostrar não apenas qual era a proposta do PEAD, mas a minha trajetória de vivências, meu processo de autoconhecimento e como, ao longo do curso, pude refletir a partir da minha experiência com a avaliação e sobre a projeção de uma avaliação ética para com os meus alunos e, posteriormente, para com as crianças das escolas nas quais eu fazia a coordenação pedagógica.

Ao tratar sobre experiência, tomo este conceito emprestado de Larrosa (2002), que sustenta que este deve ser separado do conceito de informação. Para Larrosa, o saber de experiência é diferente de quando se sabe porque se tem informação

Depois de assistir a uma aula ou a uma conferência, depois de ter lido um livro ou uma informação, depois de ter feito uma viagem ou de ter visitado uma escola, podemos dizer que sabemos coisas que antes não sabíamos, que temos mais informação sobre alguma coisa; mas ao mesmo tempo, podemos dizer também que nada nos aconteceu, que nada nos tocou com tudo que aprendemos nada nos sucedeu ou aconteceu (Larrosa, 2002, p. 22).

A experiência para Larrosa (idem) não é o que se passa, o que acontece ou o que toca, mas aquilo que *nos* passa, *nos* acontece, *nos* toca. Neste sentido o processo de avaliação vivenciado durante o Pead foi uma experiência na medida em que as paradas

para reflexão ao final de cada semestre e o olhar “final” sobre minha trajetória durante o curso permitiram que o conceito de avaliação me passasse e transpassasse, deixando de me ser conceito e transformando-se em experiência. Larrosa traz ainda uma definição de Heidegger de experiência que cabe muito bem ao que aqui relato

Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-se a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro, ou no transcurso de um tempo (Heidegger, 1987, citado por Larrosa, 2002, p. 25)

Retomando minha trajetória, posso dizer que esta transformação do conceito em experiência se deu, não de um dia para o outro, mas sim no transcurso de um tempo. Tempo este que é difícil mensurar, estabelecendo um início e um fim (na verdade não creio que haja um fim), mas que, a partir da retomada do blog/portfólio é possível acompanhar um processo que foi *me* acontecendo. A este respeito trago a última postagem feita durante o período do curso em meu blog/portfólio

Ao final desta etapa posso olhar para trás e ver o quanto cresci, aprendi, amadureci. Amadureci como estudante, como pessoa, como profissional. Analisar o blog/portfólio foi maravilhoso pois me deu a noção exata desta caminhada. Ao longo das postagens é possível ver cada passo, cada aprendizagem. Interessante poder ver que ao longo desta jornada muitas das aprendizagens se apoiavam em outras tidas em momentos anteriores no curso. Esta "constatação" pode parecer clichê. Todos sabemos que aprendizagens embasam outras, que o conhecimento vai sendo construído desta forma. Entretanto, penso que poder VER este crescimento, dar-se conta dele na própria trajetória, permite-nos superar o que Vigotsky chama de "comportamento fossilizado". Quando a aprendizagem se torna real, quando o aprendido é por nós incorporado de tal forma que nos parece natural, perde-se a noção de que foi uma aprendizagem e parece que sempre pensamos daquela forma, esquecemo-nos de como pensávamos antes.

Ao mesmo tempo a atividade do blog me permite pensar a avaliação de nossos alunos, pois o blog dá conta exatamente desta nova forma de avaliar - não fazendo "prova", testando se os alunos sabem reproduzir o conhecimento passado, mas olhando para as aprendizagens, olhando para o que antes eu sabia e para o que agora eu sei.

Não estou a dizer que dever-se-ia adotar uma forma de avaliação igual para nossos alunos - "A partir de agora todos devem fazer blog de aprendizagens!" - não é isto... Mas a atividade permitiu ver que é possível encontrar caminhos para o que para muitos ainda é utópico. A partir desta vivência tenho certeza de que todas nós do PEAD incorporamos um pouco disto em nossa prática, ou no mínimo em nosso olhar para o aluno - um olhar investigativo e não um olhar que mensura o conhecimento adquirido. (Blog Portfólio, 03/12/2010)⁵

Penso que este trecho em que diferencio o “saber” do “ver” ilustra um momento de dar-se conta da diferença entre uma teoria/informação e o par experiência/sentido de

que fala Larrosa (2002), quando não simplesmente sabemos de algo como informação, mas damos sentido ao que somos e ao que nos acontece. Se antes eu possuía um conhecimento/informação de que a avaliação deve ser focada no processo de cada aluno, de que deve-se respeitar a caminhada de cada um, de que ao avaliar não podemos comparar os alunos entre si, mas sempre o aluno com ele mesmo, a *experiência* que vivenciei durante o curso foi criadora de sentido e não de mera informação sobre avaliação.

Da experiência como aluna/professora – pensando a ética na avaliação com as crianças

O que quero destacar neste texto é que, mais do que uma simples experiência pessoal de avaliação, falo aqui de uma experiência vivida por uma professora. Uma experiência de aluna vivida por uma professora que tem alunos e que pensa a avaliação a partir de suas leituras e vivências.

Como professora da Educação Infantil, trabalhei durante muito tempo com um sistema bem específico de avaliação: os pareceres descritivos. Um parecer descritivo é um documento em que, em geral, um professor narra uma criança. Desta forma, transpor a experiência vivida como aluna do Pead, como estudante adulta, que já está autorizada a dizer das próprias aprendizagens, para a a professora que precisa construir pareceres descritivos sobre seus alunos da Educação Infantil, que não escrevem e muitas vezes não falam com palavras, mas com o corpo, com o olhar, com as reações (linguagem que, quando “traduzida” para a palavra sempre corre o risco de ter seu sentido deturpado), é tarefa para continuar a pensar e repensar.

A avaliação, como documento construído a partir das notas de observação sistemáticas do professor sobre seu aluno durante o semestre, pode ser vista como um documento de leitura do passado. Olha-se para o semestre que passou e diz-se o que o aluno aprendeu.

O desafio que se coloca na transposição da experiência da avaliação como aluna, da criação de sentidos e significados a partir minhas próprias aprendizagens, para o papel da professora, é justamente o de dar-se conta de que, como docente, construir um documento que narre a trajetória semestral da vida de cada criança na escola, que narre suas aprendizagens, não é tarefa que possa ser feita sem a consciência da responsabilidade que se tem. Isto porque o parecer descritivo, como documento institucional, insere-se em uma relação de poder na constituição do sujeito – ele carrega força de verdade e irá constituir parte da história da criança. Além disto, falar sobre as aprendizagens do outro é muito diferente de falar sobre as próprias aprendizagens.

Ao buscar em minha experiência como aluna os sentidos que construí em meu percurso, e ao questionar-me sobre como teria sido se estes sentidos fossem narrados por outra pessoa, remeto-me ao exercício ético que exige a profissão docente. Penso que ao redigir um parecer, ao narrar as aprendizagens de outro de forma ética, é preciso duvidar de uma suposta possibilidade de proferir a verdade a respeito deste outro. Em uma de suas teses sobre o conceito da história Benjamin alerta aos que pensam esta história como passado imutável: “A verdadeira imagem do passado desliza veloz. O passado só pode ser detido como uma imagem que, no instante em que se dá a conhecer, lança um raio de luz que nunca mais se verá” (Benjamin, 1996, p. 224).

Na lógica do filósofo, o passado não está aí petrificado, à espera de que o historiador [e, neste caso, o professor] o analise. Reyes Mate acrescenta: “É um passado que se move – e se move velozmente. Conhecer-lo é fixar uma imagem dele, assunto nada fácil.” (Mate, 2011, p.140)

Desta forma, ao redigir o parecer descritivo, é preciso compreendê-lo como uma imagem do passado da criança no semestre. Um passado que não está petrificado à espera de que alguém apenas o conte, mas um passado em movimento. É preciso ter a consciência de que a imagem que o parecer descritivo congela é uma das inúmeras possibilidades de captura deste passado que é demasiado veloz para “a débil capacidade capturadora do sujeito e a débil capacidade presentificadora do passado.” (Mate, 2011, p. 141). A este respeito, podemos também citar Foucault e sua pesquisa sobre a linguagem, sobre a relação entre as palavras e as coisas. O filósofo diz que

[...]por mais que se diga o que se vê, o que se vê não se aloja jamais no que se diz, e por mais que se faça ver o que se está dizendo por imagens, metáforas, comparações, o lugar onde estas resplandecem não é aquele que os olhos descortinam, mas aquele que as sucessões da sintaxe definem. (Foucault, 1999, p. 25)

Desta forma, não se pode perder de vista que os pareceres descritivos são recortes e significações do real – recortes da percepção do professor, baseados em suas concepções de criança, de infância e de educação.

O que quero chamar aqui à atenção não é para ineficiência do parecer descritivo. Não pretendo apregoar a falência deste modo de avaliação, mas atentar para um cuidado com a forma como narramos as crianças nestes documentos. Cuidado este que trago da reflexão a partir da experiência com a avaliação narrada anteriormente, da experiência como aluna. Creio que a questão de dar às crianças a palavra, de construir uma avaliação não sobre elas, mas com elas é algo a se perseguir, mas, enquanto procuramos os meios para legitimar este processo, que tenhamos este cuidado ao narrá-las. Neste sentido, compartilho da convicção de Larrosa de que as palavras funcionam como potentes mecanismos de subjetivação. Como o autor

Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. (Larrosa, 2002, p. 21)

Neste ponto, cabe questionar quando escrevemos sobre nossos alunos, o que as palavras que estamos a escrever farão com eles. Eles se narrariam desta forma? Se reconheceriam positivamente no que escrevemos? A possibilidade vivenciada como discente do curso de Pedagogia a Distância da UFRGS, de narrar as próprias aprendizagens, remete-me a uma experiência ética de avaliação. Toda a potência da palavra em meu processo avaliativo como estudante foi canalizada para narrar as experiências que vivenciei, o que me fora significativo. Por vezes como professores de crianças, temos a tendência de narrar o que as crianças *não* fizeram, o que elas *não* conseguiram, pelo que elas *não* se interessaram e que, de acordo com nosso ponto de vista, deveriam tê-lo feito.

A experiência de uma avaliação vivenciada de forma ética aliada a esta reflexão a respeito da avaliação que como professores precisamos fazer das crianças leva-me a perguntar: Qual será a imagem escolhida para narrar a história da criança na escola. A este respeito, Reyes Mate alerta que Benjamin, ao romper com o molde de um passado

como realidade petrificada e, atentando para a participação ativa do historiador no trabalho de interpretação deste passado não estático, problematizará uma determinada leitura do passado: a do vencedor.

A primeira consequência dessa leitura do passado como se fosse um texto é desconfiar das leituras canônicas do passado, dos utópicos usuais. Por quê? Porque nelas não há nenhuma interação. O que se entende por passado nestes casos não é nada mais do que as palavras do vencedor. (Mate, 2011, p.143)

A palavra do vencedor e a história do ponto de vista dos oprimidos: alinhando possíveis conexões entre algumas leituras e a experiência da avaliação.

Ao propor “escovar a história a contrapelo” (Benjamin, 1996, p.225), o filósofo propõe uma leitura da história que busca “ler o que nunca foi escrito” (Mate, 2011, p. 145). Romper com a história que é narrada do ponto de vista dos vencedores e buscar neste passado uma outra empatia, a empatia para com os oprimidos. Contar a história dos oprimidos de seu ponto de vista, buscando outros dados neste passado-oculto, permite um outro presente. Reyes Mate explica este ponto da tese de Benjamin dizendo que

Há um presente-possível e um passado-oculto. A tarefa do historiador é tornar realidade o presente-possível graças à presença do passado-oculto. O ato de trazer à luz o sentido oculto do passado é um ato redentor: salva o sentido e salva o presente. (Mate, 2011, p.143)

Compreender as crianças como os oprimidos e os adultos como os vencedores é uma dedução fácil se seguirmos o raciocínio de uma pedagogia que vê o desenvolvimento humano como teleológico – a criança que só “pensa certo” conforme sua lógica aproxima-se do pensamento adulto. Uma pedagogia que supõe um “adulto normal” e, cujo único fim será moldar as crianças de acordo com seus parâmetros “corretos”.

Desta forma, compreendo que o professor que constrói seu parecer descritivo narrando a criança do ponto de vista da falta, com frases como “tem dificuldade de expressar-se” ou “não respeita os limites da folha ao pintar”, conta a história do ponto de vista do “adulto vencedor”. Avaliar a criança do ponto de vista da “dificuldade” é significá-la como alerta Sarmento: “As crianças não sendo consideradas como seres sociais plenos, são percebidas como estando em vias de o ser, por efeito da ação adulta sobre as novas gerações” (Sarmento, 2009, p. 20). Além disto, o professor que narra a criança do ponto de vista da falta, esquece-se que ele mesmo possui dificuldades e limitações.

Oferecendo alternativas a esta forma de olhar para as crianças, interessa pensar o conceito de infância trazido por Pagni (2010) O autor sugere que o adulto educador deveria reconhecer sua própria infância. Ele não refere-se a um período cronológico, mas à infância como condição que habita a todos nós – “o germe do pensamento que ainda não se encontra pronto nem acabado” (p.100). O autor problematiza a educação das crianças através de uma arte de governo pedagógica que nega esta infância que habita a nós adultos justamente porque, de seu ponto de vista,

[esta] educação teria seu êxito condicionado ao esforço mais ou menos penoso para nos elevarmos acima de nós mesmos, ultrapassando nossa natureza individual e livrando-se de nossa infância para nos tornarmos efetivamente *adultos normais* (Pagni, 2010, p. 109 – grifo do autor)

A partir desta perspectiva, podemos pensar o *adulto normal* como mais um mito que nos circunda ou, para sermos mais ousados, um personagem, que é encenado pela grande maioria dos educadores (sejam eles pais, professores ou adultos em relação de autoridade diante de crianças). Não reconhecer a infância que nos habita é negar uma parte de nós para exercer “com maior autoridade” o papel deste adulto normal educador e para proferir palavras sobre “os oprimidos” do ponto de vista “do vencedor”

É interessante observar que para muitos professores que relatam as “dificuldades de expressar-se” de seus alunos, sua avaliação é feita a partir de aspectos específicos que ele valoriza e considera importante. Avaliação baseada na observação feita do momento da rodinha por exemplo – um momento coletivo, onde é necessário que a criança se exponha no grande grupo. E os adultos? Não teriam dificuldade de expressar-se se fossem observados nos momentos em que se calam diante da multidão? As crianças se observadas na interação com os pares, na forma como brincam, como se comunicam com olhares, também têm dificuldade de expressar-se?

Penso que é necessário um cuidado, um exercício ético no momento de narrar uma criança. O professor, com o poder a ele atribuído pela instituição, diz verdades sobre a criança. E é nisto que a avaliação deve ser, antes de tudo, um exercício da ética docente. O professor, figura responsável por redigir o parecer e narrar esta história, precisa colocar-se como aquele que busca neste passado-oculto sentidos que deem voz às vivências positivas dos alunos, colocando-se como instrumento de construção de uma narrativa da história infantil do ponto de vista das crianças, salvando o seu presente.

Ao parafrasear Mate (2011) com este “salvamento” do presente, não pretendo apregoar um sentido de avaliação salvacionista. Não se trata de salvar o presente de um passado ocorrido, mas de salvar no sentido de assegurar. Salvar o presente – assegurar a cada momento presente da criança a possibilidade de construir seus próprios sentidos e narrar a própria história de seu ponto de vista. Ora se precisamos construir pareceres descritivos daqueles que ainda não escrevem, que não falam, que possamos fazê-lo com a maior sensibilidade possível, sem a pretensão de proferir uma verdade absoluta, e em um exercício ético de cuidado com os sentidos que estamos produzindo na vida das crianças.

Da experiência ao convite – costurando um final para este texto e um início para outras possibilidades...

Tal como anunciado desde o início deste texto, todas estas reflexões são fruto do que tenho vivido e pensado a respeito de como me coloco neste mundo – como estudante e como profissional. A possibilidade viabilizada pelo uso das tecnologias da informação e comunicação – a utilização do blog Portfólio de Aprendizagens como instrumento de avaliação – ao oportunizar o olhar para meu processo durante o curso de

Pedagogia à Distância da UFRGS através de minha própria narrativa, fez com que eu pudesse refletir sobre a avaliação como um exercício da ética docente. Na transposição de tal experiência para minha prática como professora, ao olhar para os pareceres que escrevemos das crianças pequenas propus-me a pensar sobre a forma como narramos as suas aprendizagens, pensando em meios de garantir que as vozes infantis não sejam apagadas pelas crenças e convicções dos adultos professores, garantindo a possibilidade de que a criança possa, a cada momento presente contar de si positivamente, a partir de seus pontos de vista sobre o mundo em que está inserida.

Entretanto, não posso fazer o convite a quem me lê de colocar em prática tais proposições sob o risco de confundir a experiência com o experimento. Também não posso ter a pretensão de apregoar modelos de avaliação como mais corretos ou como mais dignos de serem reproduzidos. O que posso unicamente é contar de minha experiência que, como diz Larrosa,

[...] é irrepitível, sempre há algo como a primeira vez. Se o experimento é preditível e previsível, a experiência tem sempre uma dimensão de incerteza que não pode ser reduzida. Além disto, posto que não se pode antecipar o resultado, a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem “pré-ver” nem pré-dizer. (Larrosa, 2002, p.9)

Se a experiência da avaliação como aluna do PEAD provocou-me estas reflexões, modificando o modo como eu pensava a avaliação e trazendo implicações para minha prática, para minha forma de olhar para as crianças na escola e para minha forma de olhar para mim mesma neste processo, ao assumir este acontecimento como experiência, é preciso aceitar que ele não tenha sido planejado e que não possa ser reproduzido. O que deixo com este texto é a contribuição de uma experiência positiva, provocadora, instigante e não finalizada, na intenção de abrir diálogos sobre uma avaliação ética, construtora de sentidos e significados, muito mais do que de mera informação. Na intenção de fazer um convite a pensarmos cada vez mais sobre os nexos que construímos como professores e como alunos quando estamos de um e de outro lado, e sobre o significado possível e passível de invenção, de ser professor-e-aluno. Não um significado genérico, mas um significado pessoal e irrepitível, da experiência vivida como professor-que-é-aluno, aluno-que-é-professor.

Notas de texto

¹ Curso de Pedagogia a Distância - UFRGS

² O Portfólio de Aprendizagens foi um instrumento de avaliação e autoavaliação utilizado durante todo o curso, implementado em forma de blog aos alunos da Pedagogia a Distância da UFRGS.

³ Arquivo pessoal [internet] - Blog Portfólio; Disponível em <http://peadportfolio163489.blogspot.com.br/2009/08/o-que-e-portfolio-e-para-que-serve.html>> Acesso em 26/09/2013.

⁴ Arquivo pessoal [internet] - Blog Portfólio; Disponível em <http://peadportfolio163489.blogspot.com.br/2007/12/avaliacao.html>> Acesso em 26/09/2013.



⁵ Arquivo pessoal [internet] - Blog Portfólio; Disponível em <http://peadportfolio163489.blogspot.com.br/2010/12/final-de-jornada-apenas-de-uma-etapa.html>> Acesso em 29/09/2013.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Benjamin, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

Larrosa Bondía, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2002, n.19, pp. 20 – 28. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n19/n19a03.pdf>> Acesso em: 22/08/2013

Mate, Reyes. **Meia Noite na História**: comentário às teses de Walter Benjamin “Sobre o conceito de história”. São Leopoldo: Unisinos, 2011.

SARMENTO, Manuel Jacinto; GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. (Org.). **Estudos da infância**: educação e práticas sociais. Petrópolis: Vozes, 2009.

Foucault, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Pagni, Pedro Ângelo. Infância, Arte de Governo Pedagógica e Cuidado de Si. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 99-123, set./dez., 2010.